HVMANITAS

[Recensão a] Moraes, Carlos - Fernando Oliveira: um humanista genial (V centenário do seu nascimento)

Autor(es): Pinho, Sebastião Tavares de

Publicado por: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Instituto de Estudos Clássicos

URL persistente: URI:<http://hdl.handle.net/10316.2/23269>

DOI: DOI:http://dx.doi.org/10.14195/2183-1718_62_41

Accessed : 26-Apr-2023 16:22:21

A navegação consulta e descarregamento dos títulos inseridos nas Bibliotecas Digitais UC Digitalis, UC Pombalina e UC Impactum, pressupõem a aceitação plena e sem reservas dos Termos e Condições de Uso destas Bibliotecas Digitais, disponíveis em <https://digitalis.uc.pt/pt-pt/termos>.

Conforme exposto nos referidos Termos e Condições de Uso, o descarregamento de títulos de acesso restrito requer uma licença válida de autorização devendo o utilizador aceder ao(s) documento(s) a partir de um endereço de IP da instituição detentora da supramencionada licença.

Ao utilizador é apenas permitido o descarregamento para uso pessoal, pelo que o emprego do(s) título(s) descarregado(s) para outro fim, designadamente comercial, carece de autorização do respetivo autor ou editor da obra.

Na medida em que todas as obras da UC Digitalis se encontram protegidas pelo Código do Direito de Autor e Direitos Conexos e demais legislação aplicável, toda a cópia, parcial ou total, deste documento, nos casos em que é legalmente admitida, deverá conter ou fazer-se acompanhar por este aviso.

humanitas

A thick, light blue vertical bar is positioned on the left side of the cover, extending from the top of the title area down towards the bottom. It is a solid, uniform color and has a consistent width throughout.

Vol. LXII
2010

MORAIS, Carlos (Coordenador), *Fernando Oliveira: Um Humanista Genial (V Centenário do seu nascimento)*. Aveiro, Universidade de Aveiro – Centro de Línguas e Culturas, 2009, 622 pp. ISBN: 978-972-789-300-3.

Para assinalar o 5º centenário do nascimento do polígrafo aveirense Fernão de Oliveira ou Fernando Oliveira, ocorrido presumivelmente em 2007, o Centro de Línguas e Culturas da Universidade de Aveiro, sob a coordenação do Prof. Doutor Carlos Morais, tomou a iniciativa de organizar e publicar este livro, que apresenta a colaboração de vinte e oito especialistas das várias áreas do saber a que aquele autor dedicou o seu trabalho intelectual e o registou em obra escrita.

O volume está dividido em quatro secções, ou grandes capítulos, correspondentes a quatro aspectos sob os quais aqui se pretendeu analisar a sua vida e obra.

Assim, a primeira secção, com o título “O Homem”, é constituída por três ensaios que incidem principalmente sobre o seu perfil biográfico. No primeiro, da autoria de Mons. João Gonçalves Gaspar, intitulado “Fernão de Oliveira: Humanista insubmisso e precursor”, o autor, com o rigor a que desde há muito nos tem habituado como grande conhecedor e historiador das coisas de Aveiro, apresenta-nos uma síntese biobibliográfica muito completa desta figura aveirense, não se limitando apenas a reunir os dados já adquiridos por anteriores estudiosos, mas apresentando soluções novas designadamente para certas informações aparentemente contraditórias, como é a questão do local de nascimento – Aveiro, ou Gestosa de Santa Comba Dão –, com base na interpretação de um epigrama latino de F. Oliveira, de conteúdo autobiográfico.

O segundo ensaio é da autoria do Saul António Gomes, da Universidade de Coimbra, que fornece um contributo específico sobre “O ambiente dominicano na formação intelectual de Fernão de Oliveira”, traçando um quadro panorâmico da vida claustral dominicana em Portugal, com referência particular ao Convento de S. Domingos da Misericórdia de Aveiro, onde Fernão de Oliveira passou os primeiros anos de noviço, e do Convento de São Domingos de Évora, para onde transitou por volta de 1520 para aí completar a sua formação.

Da autoria do Luís Machado de Abreu, da Universidade de Aveiro, é o estudo sobre “A religião flutuante do padre Fernão de Oliveira”, que contempla em especial o percurso ideológico e religioso deste frade, que abandonou a clausura dominicana eborense e entrou numa vida de aventura

e rebeldia, tomou atitudes críticas e defensoras do livre arbítrio e oscilou entre a ortodoxia católica e os movimentos reformistas, sobretudo da igreja anglicana de Henrique VIII, a quem prestou os seus serviços de capitão marinha e simpatias declaradas, pagas por mais que uma vez com a reclusão inquisitorial.

A segunda secção do livro é dedicada a Fernão de Oliveira como “O Filólogo”, tendo em vista não apenas a sua faceta de gramático, pela qual é geralmente mais conhecido, com a sua famosa *Gramática da Lingoagem Portuguesa*, mas também a sua tradução do tratado *De Re Rustica* de Columela.

Quanto à Gramática, a primeira que se publicou sobre a língua portuguesa, inclui este volume nada menos que dez ensaios. O primeiro, da co-autoria de Carlos Assunção e Maria Helena Santos, da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, é dedicado às “Gramáticas Portuguesas de Quinhentos no Quadro do Humanismo Europeu” e resume o movimento e as causas que levaram à eclosão das gramáticas das línguas vernáculas na Europa Ocidental, por contraste com a longa tradição das gramáticas das línguas clássicas greco-latinas, e faz uma aproximação comparativa entre a Gramática de Fernão de Oliveira e a de João de Barros. Rogelio Ponce de León Romeo, da Universidade do Porto, num estudo intitulado “Oliveira perante Nebrija: Uma visão da *Grammatica da lingoagem portuguesa* à luz da *Gramática castellana*”, analisa as profundas influências desta obra do humanista andaluz sobre a Gramática do autor português, fazendo um longo e elucidativo cotejo de textos de uma e de outra para demonstrar os frequentes decalques e também as diferenças e adaptações operadas por F. Oliveira e os motivos por que o fez. Amadeu Torres, das Universidades Católica Portuguesa e do Minho, por seu lado, no trabalho “Contributos linguísticos e pioneirismo teorizante em Fernão de Oliveira”, acentua o carácter inovador, original e pioneiro da sua obra gramatical no contexto da România do Renascimento, no que respeita à teorização descritiva de várias questões, com particular relevo para a fonética e fonologia. Ligado com esta mesma matéria é o estudo “A língua da gramática à luz dos outros textos” de Maria Helena Paiva, da Universidade do Porto, que percorre o sistema gráfico do vocalismo e seus timbres, proposto pela Gramática de F. Oliveira, e suas oscilações em confronto com outros textos impressos e manuscritos do mesmo autor, bem como certas variações gráficas lexicais, fazendo-o acompanhar de um vasto registo estatístico. Os professores Maria Helena Santos e Carlos Assunção, já atrás referidos, num segundo ensaio –

“A questão da heterogeneidade e da mudança linguísticas: da sensibilidade precursora de Fernão de Oliveira” – insistem no mesmo assunto das suas preocupações de codificação linguística em contraste e dialéctica com as suas variações e mudanças, dando particular relevo à perspectiva da sua dimensão diastrática e diacrónica, sem esquecer, por outro lado, o manifesto carácter precursor e pioneiro da gramatologia do polígrafo aveirense. Na sequência destas análises, João Paulo Ribeiro, da Universidade de Aveiro, analisa “A autoridade heterodoxa da Gramática de Fernão de Oliveira”, no conceito de grande número de gramáticos posteriores, mais preocupados com critérios latinizantes, no domínio da terminologia gramatical, da ortografia e da formação e evolução lexical. “Fonética e Fonologia (segmental e prosódica) em Fernão de Oliveira (1536)” é o contributo de Henrique Barroso, da Universidade do Minho, que nele reafirma o seu carácter precursor no domínio da descrição e teorização linguísticas, designadamente no processo de análise fonética e fonológica, numa perspectiva funcional que anunciava com séculos de antecipação as teorias modernas. Graça Rio-Torto, da Universidade de Coimbra, apresenta um estudo sobre “A actualidade do pensamento de Fernão de Oliveira: léxico e morfologia”, designadamente sobre a teorização morfológica e lexical oliveiriana no que respeita à origem das palavras e suas diferentes vias de formação (empréstimo, composição, derivação e outras). Fernando Martinho, da Universidade de Aveiro, discute sobre “*O estatuto do adjectivo* na Grammatica da lingoagem portuguesa: herança ou inovação”, percorrendo as origens greco-latinas daquela categoria gramatical, desde o *epítheton* ao *adiectivum*, e procede à sua análise até ao adjectivo renascentista, para a confrontar com a posição de Fernão de Oliveira, que nesta matéria permanece fiel ao quadro conceptual latino. Por fim, Rosa Lúcia Coimbra, da Universidade de Aveiro, com o sugestivo título “Sapateiros e ovelhas: a metáfora em Fernão de Oliveira” abonado no próprio texto do humanista, fala sobre o seu recurso à linguagem metafórica do símile literário para explicar questões técnicas de gramatologia, ao mesmo tempo que analisa o capítulo XXXIX da Gramática do humanista aveirense, em que este faz teoria justamente sobre as “dições mudadas”, isto é, as “palavras” de sentido “metafórico”.

Pertence também ao âmbito da produção filológica de Fernão de Oliveira a sua tradução manuscrita de parte do tratado latino de Columela acerca da actividade agrícola; e sobre essa primeira versão ibérica (embora incompleta) aparecem neste livro dois ensaios. No primeiro, sob o título “O tratado *De Re Rustica* de Columela na versão portuguesa de Fernando

Oliveira”, de António Manuel Lopes Andrade e Carlos Morais, da Universidade de Aveiro, depois de um “enquadramento geral da versão portuguesa no contexto do movimento humanista europeu e da transmissão do próprio texto columeliano”, é feita uma apreciação ao rigor da tradução de Oliveira e às notas e comentários que a acompanham, bem como à importância e objectivos desta iniciativa numa época de crise da agricultura devida em grande parte à mobilização braçal e aos interesses comerciais voltados para a aventura dos descobrimentos. O segundo ensaio é de Ana Maria S. Tarrío, da Universidade de Lisboa, que retoma e aprofunda o tema da mesma crise e fala sobre “Fernando Oliveira, Columela e a crise da agricultura no séc. XVI”, que é testemunhada por outros variados autores da mesma época, e que desmonta o velho mito da localização do *Elysium* e das Ilhas Afortunadas no ocidente hispânico, terra de suposta fertilidade natural. A autora insiste na análise da real crise da agricultura e suas causas, que, segundo proposta de Fernão de Oliveira, só poderá ser superada pela qualificação técnica e pelo trabalho dos seus agentes; e essa terá sido a razão do seu projecto de tradução do tratado de Columela, que ficou inacabada em manuscrito.

A terceira secção deste livro apresenta Fernão de Oliveira na qualidade de “Marinheiro” e de autor de uma significativa obra náutica, representada pela *Arte da Guerra do Mar*, pela *Ars Nautica* e pelo *Livro da Fábrica das Naus*, e ainda pela *Viagem de Fernão de Magalhães escrita por um homem que foi em sua companhia*.

Acerca da primeira obra figuram neste livro três ensaios. O primeiro, sob o título “Uma visão estratégica da *Arte da Guerra do Mar*”, é da autoria do Contra-Almirante António Silva Ribeiro, que analisa o texto de prólogo, em que Fernão de Oliveira expõe as razões da publicação deste tratado e a sua importância, e sobretudo o minucioso conteúdo dos seus trinta capítulos sobre estratégias, conceitos e tácticas da guerra naval. O segundo ensaio, “A retórica do aptum na *Arte da Guerra do Mar*”, da responsabilidade de Belmiro Fernandes Pereira, da Universidade do Porto, explora a aplicação das regras da retórica clássica por parte de Fernão de Oliveira neste mesmo tratado, com base nos preceitos de Quintiliano, frequente e explicitamente citado pelo humanista. O último dos referidos três ensaios tem por título “Fernando Oliveira: a guerra como o menor dos males e a escravatura como o maior dos pecados” é da autoria de Maria Manuel Baptista, da Universidade de Aveiro, que nele tece considerações acerca da política da guerra ao serviço da paz, e do conceito de guerra justa, incompatível com a prática da escravatura, que o humanista condena em absoluto.

A obra acerca da arte de navegar (*Ars Nautica*) foi contemplada neste volume com dois estudos. No primeiro, com o título “A enciclopédia do mar: o manuscrito da *Ars Nautica* e a sua história”, o seu autor Francisco Contente Domingues, da Universidade de Lisboa, depois de descrever o percurso histórico do manuscrito latino actualmente conhecido, com os problemas a ele associados da identificação do lugar e data da composição, e das suas viagens e localização no estrangeiro, faz uma análise do seu conteúdo enciclopédico sobre a arte de navegar, discute os motivos que levaram o humanista-piloto a escrevê-lo e termina com a descrição dos sucessivos e até hoje malogrados planos da sua tradução e publicação. No segundo estudo, o seu autor, José Manuel Malhão Pereira, da Universidade de Lisboa, fala sobre “O padre Fernando Oliveira, um marinheiro português do século XVI”, descrevendo as suas viagens de marinheiro e piloto ao serviço de variadas missões não apenas portuguesas mas também entre espanhóis, franceses e ingleses, e não só na Europa mas também no Norte de África, em que recolheu experiência técnica e o saber teórico necessários à elaboração da sua *Ars Nautica*. Sobre o seu conteúdo propriamente náutico, Malhão Pereira termina com uma nota de análise crítica, recordando os trabalhos sobre a mesma matéria anteriores a Fernando Oliveira, que lhe terão servido de inspiração, e acrescenta um Apêndice com a reprodução de “Algumas das gravuras da *Ars Nautica* com breves comentários”.

O *Livro da Fábrica das Naus*, o terceiro da tríade dos seus trabalhos científico-pedagógicos sobre a actividade naval, é objecto de dois estudos neste volume. No primeiro sobre “O *Livro da Fábrica das Naus* no contexto da construção oceânica do século XVI”, da responsabilidade de Filipe Vieira de Castro, da Texas A&M University (USA), é feita uma análise das características do navio da Índia descrito por Fernão de Oliveira, comparando-as com os dados arqueológicos recolhidos nos restos da suposta nau de “Nossa Senhora dos Mártires” em São Julião da Barra, onde ela naufragara em 1606, e confrontando-as com as informações descritivas, arqueológicas e iconográficas de outras fontes do séc. XVI e XVII, para uma avaliação das técnicas de construção naval e do modelo da nau oceânica dos tempos do nosso humanista. O segundo estudo, com o título “A Arte da Fábrica das Naus”, da co-autoria de Tiago Fraga, António Teixeira e Adolfo Silveira Martins, da Universidade Autónoma de Lisboa, incide sobre a mesma matéria da arquitectura naval, com a particularidade de analisar o sistema de medidas e sua proporcionalidade no próprio processo de construção das várias partes constitutivas do navio-modelo descrito por Oliveira na

Fábrica das Naus, procurando a sua reconstituição virtual, apoiada numa ampla ilustração de perfis, secções e projecções.

Enquadra-se, ainda, no âmbito das preocupações da vida marítima de Fernão de Oliveira, a referida *Viagem de Fernão de Magalhães escrita por um homem que foi em sua companhia*. Por isso, o coordenador deste volume a incluiu na secção destinada aos ensaios dedicados à sua faceta de “Marinheiro”.

Sobre esse texto escreveu Maria Fernanda Brasete, da Universidade de Aveiro, o estudo “Sobre o Relato da Viagem de Fernão de Magalhães”, em que resume a história da origem e tradição do texto desde a sua redacção manuscrita em português passando pela sua primeira edição impressa em 1937, pela tradução francesa e edição crítica em 1976, até outras edições posteriores; e expõe as discutidas questões da autoria e da autenticidade das fontes do manuscrito, terminando com algumas considerações sobre as características desta obra que a incluem dentro da produção histórico-literária da expansão ultramarina.

A quarta secção do presente volume é dedicada a Fernão de Oliveira como “Historiador” e autor de duas obras de intenção formalmente histórica, o *Livro da Antiguidade, Nobreza, Liberdade e Imunidade do Reino de Portugal* e a *História de Portugal*, da qual a anterior é considerada como uma espécie de esboço. Neste sector intervêm dois investigadores. Teresa Margarida Jorge, no ensaio “Fernando Oliveira: uma voz da História de Portugal”, depois de evocar o ambiente sócio-político e cultural em que o humanista viveu, e de estabelecer a ligação da experiência de vida do autor com a genologia da sua obra, traça a história da origem e transmissão desta dupla de textos historiográficos, em que se revela um acentuado sentido patriótico de independência perante os perigos que sopravam da fronteira vizinha. Na mesma linha de pensamento, José Eduardo Franco, da Universidade de Lisboa, no seu ensaio “Fernando Oliveira, ideógrafo da proto-nacionalidade portuguesa”, desenvolve e reforça a ideia de mitificação fundacional das origens da nação portuguesa, em que a história do seu passado evocada na obra de Fernão de Oliveira, em particular na sua produção propriamente historiográfica, assume um carácter especialmente predestinado e teleológico, como penhor por assim dizer divino da sua independência e perenidade inviolável, na esteira de uma corrente de pensamento europeu em voga no séc. XVI e que no caso oliveiriano adquire uma força crítica que se enquadra na questão da crise sucessória de Portugal de 1580, deflagrada com o desastre de Alcácer Quibir. Nesse sentido, diz o autor deste ensaio, “a *História de Portugal* de

Oliveira delinea a matriz ideológica da corrente messiânico-nacionalista do sebastianismo e configura-se como a precursora da filosofia sebastianista”.

A presente colectânea de ensaios é precedida de uma apresentação liminar da autoria do seu coordenador Prof. Doutor Carlos Morais, que explica as razões desta iniciativa e resume, numa excelente síntese global, o conteúdo de cada um; bem como de uma relação dos currículos científicos de cada um dos co-autores deste grosso volume, que é, ainda, enriquecido com uma seleccionada relação bibliográfica final de cerca de 550 títulos em que se apoiaram todos os trabalhos que a integram.

Estão de parabéns o Departamento de Línguas e Culturas da Universidade de Aveiro e o Doutor Carlos Morais pela edição deste livro, que ficará como a obra mais completa e actualizada e de referência incontornável para os estudiosos da vida e obra do polígrafo aveirense Fernão de Oliveira.

SEBASTIÃO TAVARES DE PINHO

Obras de Damião de Góis, Vol. I (1532-1538). Trabalhos de tradução e comentário. Fac-símile de cada edição *princeps* deste período. Leitura diplomática e versão portuguesa por Miguel Pinto de Meneses. Edição, introdução e notas de Manuel Cadafaz de Matos. Apresentação de Amadeu Torres, Lisboa, Edições Távola Redonda, Centro de Estudos de História do Livro e da Edição (CEHLE) VIII, 2002, vol.1, 504 pp. ISBN 972-9366-21-7.

Com o número VIII da colecção Fontes Históricas da Cultura Tipográfica Portuguesa, o Centro de Estudos de História do Livro e da Edição (CEHLE) inicia uma sequência editorial que se prevê, de início, venha a ter três volumes dedicados, como o título indica, a *Obras de Damião de Góis*.

O volume I reúne alguns dos principais opúsculos latinos do período de produção mais vincadamente europeia. Trata-se das primeiras obras produzidas por Damião de Góis e editadas em livro, entre 1532 e 1538, as quais consistem em trabalhos de tradução e comentário da sua responsabilidade. Os originais latinos contam com o labor de tradução de Miguel Pinto de Meneses (†2004), um dos mais fecundos latinistas, conhecedor da cultura do Renascimento, que ao longo do século XX foi erguendo um enorme tributo à cultura portuguesa, traduzindo autores como Álvaro Pais, Álvaro Gomes, André de Resende, Manuel Telles da Silva.